

O Festival Por Dentro

Cobertura: Jenner de Paiva, Cléia Ferreira, Vera de Almeida, Liane Mullenberg e Cândida Maria.

Fotos: Paulo Moreira, Hons Prellwitz e Júlio Daniel.



telhado de vidro

NESTOR DE HOLANDA

FESTIVAL (1)

LEIO NOTÍCIAS e reportagens e comentários sobre o Festival. Todos falam sobre a vaia que Tom Jobim e Chico Buarque levaram. Alguns são contra. Outro aprovam a vaia. E pergunto para mim mesmo: será que somente eu não vi Chico e Tom serem vaiados?!

Domingo, no Maracanãzinho, os dois autores concorreram com «Sabiá», um tema lírico, letra quase água-com-açúcar, bonita música, excelente interpretação de Cynara e Cybele, boa orquestração, Tom e Chico são orgulhos nossos, musicistas de excepcional valor. Todos lhes queremos bem imenso. Sentimos por eles a maior ternura, a mais espontânea admiração. Chico é sobretudo poeta; Tom, sobretudo músico. Há em torno de ambos o maior respeito. E esse respeito permanece — e não poderia ser de outra forma — depois do incidente verificado, domingo último, no Maracanãzinho.

«Sabiá» não é das melhores produções nem de Tom nem de Chico. Dizem até que o último fez os versos às pressas, no aeroporto, à hora de pegar o avião, e que o primeiro escreveu a melodia de um fôlego, para atender a pedido dos organizadores do Festival. As críticas surgiram logo que a canção foi apresentada e algumas até me divertiram. Um ornitólogo declarou:

— Sabiá fêmea não canta. Quem canta é o macho. E os versos dizem: «Que eu hei de ouvir cantar «uma» sabiá»...

Um gramático deu lá seu protesto:

— «Sabiá» é epiceno — substantivo que, tendo uma forma gramatical masculina ou feminina, só exprime o sexo por meio das palavras «macho» e «fêmea». Escreve-se, porém, na forma masculina, isto é, «o» sabiá. E o verso que fala em «uma» sabiá tentam transformar o substantivo, erradamente, em comum-de-dois...

De qualquer maneira, a canção me agradou. Carrega sempre o traço do talento dos dois autores e a beleza de um verso que eu gravei na memória, logo ao primeiro instante: «Como fiz estradas de me perder».

Vai concorrer, agora, com as internacionais. Não terei a menor surpresa se, por acaso, sair vitoriosa. Já vi em dois outros espetáculos do gênero a espécie das

músicas que nos mandam, a maioria da pior qualidade e apresentada por elementos que raramente figuram em primeiro plano no cancionário de seus países. Isto porque todos os festivais do mundo são realizados para que os promotores vendam músicas ao estrangeiro. Em muitos, cantores e compositores pagam para concorrer. Com o nosso, dá-se o contrário. Todos os anos, o Augusto Marzagão dá um passeio por aí e sai pedindo pelo amor de Deus que venham participar do Festival da Canção. Paga tudo. Gasta uma fortuna. Desperdiça divisas. Não vende nossa música e só não consegue comprar a estrangeira, porque esta, em geral, é ruim. Ruim, uma vez que o melhor elemento humano, quando aceita vir ao Brasil, por uma concessão especial, é para figurar na comissão julgadora e nem ao menos faz turismo, gastando seus dólares, porque a Secretaria de Turismo gasta por eles...

Quando esses convidados regressam a seus países, em geral, põem-se a falar mal do Brasil. Reclamam, como o cantor norte-americano que esteve aqui no ano passado, porque são convidados para atuar «de graça». E ainda fazemos triste papel lá fora...

Por tudo isso, não duvido de que a música de Chico e de Tom vença a parte internacional do certame — pois não resta a menor dúvida de que a comissão heterogênea julgará, sobretudo, a categoria melódica das composições. E a música do Tom tem categoria, apesar dos pesares.

Assim, não vi, domingo, no Maracanãzinho, nenhuma vaia no Tom ou no Chico. Vi, sim, uma vaia tremenda, que durou mais de meia hora, nos organizadores do Festival. Vaia na comissão julgadora que não soube interpretar a vontade popular — isto graças a votantes que não tiveram sensibilidade, coragem e inteligência para escolher a música preferida pelo povo. Vaia no festival. Repulsa popular, total, absoluta, a tudo o que vem sendo feito por aí, e, em consequência, sua natural ojeriza aos chamados «vitoriosos». Vaia à injustiça cometida a Geraldo Vandré, que apresentou a melhor composição e a que mais de perto representou o sentimento nacional na hora presente — mas isso vai ser assunto para outro comentário.

Vaia no Chico e no Tom eu não vi.





FLASHES

Gutenberg Guarabira, vencedor no ano passado com «Margarida», cantou «Andança», juntamente com Beth Carvalho, na festa oferecida pelo Canecão. E a respeito da vitória de «Sabiá» declarou ao DN: «A música de Tom e Chico tem mais condições de representar o Brasil no Internacional. A do Vandrê em matéria de mensagem, foi válida, mas qualquer outra composição que não fôsse «Pra Não Dizer Que Não Falei de Flôres» seria vaiada. Torci por «Andança».

Muita gente reclamando, principalmente a imprensa, pelo tratamento dispensado por algumas «receptionistas» aos que comparecem ao Hotel Savoy e ao Maracanãzinho.

Da compositora de «Rua da Aurora», Fátima Gaspar «Foi sujeira colocar o Tom e Chico no 1º lugar. Eles não mereciam aquela enorme vaia, pelo valor que representam para o Brasil. Mesmo não sendo a do Vandrê, não devia ser a do Jobim, por causa da sua internacionalização. Além da minha música, gostei da dos Mutantes».

A francesinha Anik Malvil, apresentadora do «show» do Canecão, declarou que o público reagiu bem, vaiando o que não gostou. «Seria mais impressionante se tivesse ficado calado. Gostei da música do Vandrê, de «Andança» e de «Dança da Rosa».

As mais animadas na festa do Canecão foram Anita Harris, da Inglaterra; Alexandra — apelidada de Nara Leão alemã —; Liesbeth List, da Holanda, e Kirst Sparboe, da Noruega. Marinela, da Grécia, muito sem jeito, caiu no samba quando a bandinha tocou «Bafo da Onça».

Presentes no Canecão: gente de casa: Fátima Gaspar, Dori e Danilo Caimi, Golden Boys, Beth Carvalho, Gut Guarabira, Eduardo Conde, Silvio da Silva, Mário Teles, Ângela Maria, Roberval (de O Grupo), entre outros. Estrangeiros: Marinela (Grécia), Harry Warren, Jay Linvingstone, Ray Evans, Elmer Bernstein (Estados Unidos), a inglesa Anita Harris (dançando constantemente com um colega da UPI), o conjunto sueco Con's Combo, o argentino Los Gatos, Liesbeth List, da Holanda, Kirst Sparboe, da Noruega, Carlos Gonzalez, do Chile, Imela Müller, do México (dançando com o nosso colega do DN), Alexandra, da Alemanha (criando um novo ritmo de «dançar» o samba), Franck Pourcel e Sra., da França, Toulai, da Turquia, Danny, da Finlândia (não dançou, mas comeu e bebeu o tempo todo) e muitos outros que fugiram à observação da reportagem do DN.

Amélia Ferraz — irmã de Cidália Meireles — reside no Brasil e na noite de segunda-feira ofereceu uma fes-

tinha particular na boate «Sucata», em benefício da ABBR. Compareceram Magdalena Iglésias, Cidália Meireles, Joaquim Gomes, Ray Evans e Jay Linvingstone — que saíram do Canecão antes da meia-noite —, David Rose, Spela Rosin, da Iugoslávia, e o diretor-executivo do III FICP, Augusto Marzagão, além de pessoas de nossa melhor sociedade.

A respeito do conjunto «bossa-nova» que atua no Canecão, Ray Evans e Jay Linvingstone disseram «Superior ao de Sérgio Mendes. Seria ótimo se o conjunto quisesse ir aos Estados Unidos».

Mia Nakao, intérprete japonesa do ano passado, escreveu uma carta para a receptionista da delegação nipônica dizendo que tinha saudades e que gostaria de voltar. Aliás está sendo uma honra para estes artistas participar do FICP.

Quase certo. O público do Maracanãzinho, vai gostar da música que representará a Espanha e será interpretada por Salomé. É ligeira e muito alegre. Vão fazer câro com palmas.

Harry Warren será o presidente do júri internacional.

De Sérgio Ricardo: «O grave é o industrialização do festival. O compositor não tem obrigação de fazer música para o público». Não quis comentar sobre Caetano Veloso. Achou justa a vitória de «Sabiá».

O maitre do Hotel Savoy, de maneira grosseira dirigiu-se à cantora peruana Patrícia Aspillaga dizendo que, hoje, chegasse para almoçar antes das 15 horas, porque o cozinheiro e o garçon ficam reclamando e só servem as refeições dentro do horário.

Margarida agora é que está fazendo sucesso no Japão, informou Hachidai Nakamura, maestro que pela terceira vez comparece ao Festival.

Françoise Hardy e o violonista Valtel Branco, tiveram que ir ensaiar nos bastidores pois na pauta de Valtel não tinha a letra da canção e que estava atrasando a apresentação da seguinte. Depois de tudo solucionado voltaram ao palco para o apronto final.

Antoine confessou que está apelando: Sua canção ouvida, ontem, no ensaio e cantada em português diz: «Amigo, amigo,/ na verdade não é mole/ domingo eu vou ver/ um bom jogo de futebol/ Flamengo, Flamengo.»